

## Coerência: Um Fator de Composição Textual

### O QUE É UM TEXTO

Desde que nascemos, lidamos com textos. Aprendemos nossa língua materna (e outras) por meio deles, que podem ser orais e escritos. Nossa comunicação é permeada por eles. Por isso, neste capítulo, será abordado o que são, como são e do que se compõem os textos.

Segundo o Glossário Ceale,

“texto é uma unidade linguística de sentidos que resulta da interação entre quem o produz e o leitor / ouvinte”.

Isso significa que trata-se de uma **produção social**, da qual participam interlocutores, os quais têm determinadas intenções e, para alcançá-las, utilizam-se de recursos.

No QR Code a seguir, encontra-se um material com muitos verbetes que contribuem para seus aprendizados.



No dia a dia, os textos apresentam vários formatos, extensões, configurações: uma só palavra ou milhares delas; menos ou mais longos; tudo dependendo das exigências da interação que veicula, com registros que determinam seu começo e seu fim.

Por exemplo, a lista de compras, a carta de cobrança, a peça publicitária, a oração, o cartaz informativo, o artigo de opinião publicado em um jornal, a dissertação de mestrado, um romance... São infindáveis os textos e infindáveis as suas formas, atendendo sempre às suas condições de produção:

- de quem parte, o **enunciador**;
  - a quem se dirige, o **enunciatário**;
- Interlocutores**

- sob que orientação, a **intencionalidade**;
- em que meio circula, o **suporte**;
- constituído de que recursos, as **estratégias**.

Sendo assim, segundo ainda o Glossário Ceale, a produção de um texto não é aleatória. Diferentemente disso, pressupõe **condições e organizações**, de maneira que não é um amontoado de palavras registradas no papel, nem um trecho sem demarcação de início e fim, nem soma de algumas partes. Para ser texto, uma produção deve cumprir sua função: a de produzir **efeitos de sentido** a partir de pistas que se manifestam em seu decorrer.

No capítulo “Leitura é produção de sentido”, de certa forma, essa questão também foi tratada, foi visto que a leitura é um ato, uma interação entre autor, texto e leitor. Este, especificamente, percorre uma linha de **explícitos e subentendidos** que se dão ao encontro de seus conhecimentos.

Dessa forma, a relação só ocorre se houver **a construção de um todo coerente**, num ato de (re)construir sentidos a partir de várias pistas apresentadas. Também como foi visto, as pistas que o texto oferece são objeto de interpretação do leitor, que se debruça sobre estratégias linguísticas, as quais se manifestam concretamente, visivelmente, como os recursos de conexão entre ideias, pontuação, construções sintáticas, vocabulário, etc. O leitor também **infere, deduz** as proposições veiculadas pelo texto, preenchendo vazios com seus conhecimentos prévios, relativos, por exemplo, à autoria, ao gênero discursivo, ao suporte, etc.

As ideias postas até aqui demonstram que os estudos, dados em “partes”, vão-se harmonizando. Veja que o tema deste módulo – coerência – não procede isoladamente. Assim se explica o título: “Coerência: um fator de composição textual”. Dessa forma, para que se possa estudar este conteúdo, é preciso tratá-lo em seu espaço de existência: o texto.

Por isso, a partir de agora, serão estudados vários textos para que se compreenda como a coerência é construída em cada um. Essa primeira tarefa exige que sejam acionados os estudos sobre leitura como ato produtor de sentidos, de forma que as habilidades de observar, decodificar, entender, compreender, comparar, associar, interpretar estejam em ação.

## A COERÊNCIA NO TEXTO VERBAL



Ao longo do tempo, de acordo com o desenvolvimento cultural, os textos vão sendo construídos, assumindo novos formatos, refazendo outros, dialogando entre si, etc. Nesse viés, podem ser verbais, ou seja, têm a palavra como recurso, de forma oral ou escrita.

Já foi estudado que:

a leitura pressupõe a capacidade do leitor de dialogar com o texto, a partir do texto e acionando o arquivo cultural, para buscar respostas aos questionamentos feitos ao texto com o intuito de compreendê-lo e interpretá-lo.

Leia este artigo de opinião, de autoria de Amanda Kestelman, veiculado no jornal *O Globo*, em 09 de fevereiro de 2019, no qual foram destacadas até o 11º parágrafo, em quatro cores, as palavras / expressões-chave do título, para rastrear a estratégia que promove a coerência. Para isso, acione também seus estudos sobre leitura como ato produtor de sentidos.

### **Incêndio do Flamengo dilacera dez sonhos e o maior patrimônio da torcida**

*Relação entre clube e a base é passional, antiga e estava mais forte do que nunca. Tragédia acerta em cheio a maior representação dos rubro-negros dentro de campo*

1 § Acordamos cedo nesta sexta-feira e fomos **alvejados** por **um número**. **Dez**. Ao longo do dia, **os numerais** viraram rostos, ganharam **nomes**. E cada **nome** se ampliou em histórias. **Arthur, Athila, Bernardo, Christian, Gedson, Jorge, Pablo, Samuel, Vitor, Rykelmo...** Cada **um** tinha sua narrativa pessoal. Mas essencialmente tinham **o mesmo sonho**. E aquela mesma sensação de que **ele** estava no caminho certo para tornar realidade.

2 § Para **aqueles garotos** que conseguiram deixar tão cedo suas casas e suas famílias, viver, treinar e jogar no Flamengo era **uma fantasia real**. **Dez vítimas** de cinco estados diferentes, **escolhidos a dedo** para **uma oportunidade tão rara**.

3 § Logo ali, colado ao novo módulo do milionário CT que abrigava os **reforços estrelados** do time profissional, estava **parte importante** daquilo que é o **maior orgulho do torcedor** do Flamengo. E falo isso sem medo de errar.

4 § [...]

5 § Cobrindo três anos o dia a dia do Flamengo, é fácil perceber **essa premissa** enraizada e expostas através das frases feitas mais diversas: **“os garotos do Ninho honram mais o manto, entendem aquela história de o que é Flamengo”**.

6 § Afinal, para os rubro-negros, **“craque o Flamengo faz em casa”**.

7 § [...]

8 § Para entender a relação dos “garotos do Ninho” com o clube e sua imensa torcida, é preciso olhar os homens. Ou melhor, os já senhores do Ninho. Eternizado em estátua na entrada do moderno módulo profissional, ao lado do local do incêndio, está Zico: cria das divisões de base do Flamengo e maior ídolo da história do clube.

9 § [...]

10 § Estamos falando de **toda uma geração responsável pelas maiores conquistas do clube**. O maior orgulho dos **123 anos do Flamengo é essencialmente formado por jovens da base**.

11 § Não teve compra milionária, não teve recepção em aeroporto. Não teve suspense no anúncio da contratação. **Jogadores, craques**, que estavam ali porque simplesmente “nasceram” ali. **Atletas** que um dia foram **Arthur, Athila, Bernardo, Christian, Gedson, Jorge, Pablo, Samuel, Vitor e Rykelmo**.

12 § Entre 2017 e 2018, a forte equipe profissional do Flamengo foi alvo de críticas, protestos, questionamentos e vaias da torcida. A ausência de título expressivo vinha com queixas pouco concretas como “falta de raça, entrega ou vontade”.

13 § Houve momentos que o time perdeu a empatia com arquibancada. E foi justamente onde ficou ainda mais nítida a importância da figura desses garotos do Ninho. Afinal, para a torcida do Flamengo, eles serão sempre diferentes. Por mais que os números, os dados, as estatísticas mostrem às vezes o oposto, o torcedor tem certeza que eles vão correr mais que todo mundo.

14 § Por experiência própria, essa é uma máxima que muitas vezes não tem a menor lógica. E também é certo que não se aplica só ao Flamengo, é encontrada em diversos clubes formadores de talento no Brasil e no mundo. É uma teoria muito mais passional do que analítica. Mas existe.

15 § Está impregnada nas arquibancadas do Maracanã e de tantos outros estádios do Brasil. E aí de quem tentar provar o contrário.

16 § Lembro bem do primeiro jogo como profissional de Vinicius Junior. Aos 16 anos, a joia que seria posteriormente vendida ao Real Madrid foi chamada por Zé Ricardo na reta final do jogo. O barulho das arquibancadas foi semelhante ao de um gol sendo comemorado.

17 § É como se cada torcedor se enxergasse representado pelo garoto da base.

18 § E se viu representado no vídeo dilacerador dos garotos cantando o hino do clube entre as beliches do contêiner do Ninho.

19 § Nesta última sexta-feira, entre as mesmas beliches do contêiner, o torcedor rubro-negro perdeu dez dos seus garotos. Dez dos seus meninos. Dez dos craques que o Flamengo faz em casa. Dez meninos que sabiam o que era Flamengo.

20 § E quantas mais máximas couberem nessa relação passional entre torcedor e a base.

21 § Os fatos que culminaram nesta sexta-feira trágica precisam ser apurados. As causas, entendidas. As responsabilidades, aceitas e assumidas.

22 § A tragédia do Ninho do Urubu é devastadora. A dor não tem camisa, não veste cores. Ela é somente sentida. Mas hoje ela veste rubro-negro. Não por acaso, os maiores adversários entenderam isso e prestaram homenagens sem traço de rivalidade. Vitória da humanidade em tempos tão sombrios.

23 § Dizem que a torcida do Flamengo é o maior patrimônio do clube. Sendo assim, a tragédia do Ninho acertou em cheio o maior patrimônio da torcida.

24 § Deixa uma dor eterna em dez famílias. E uma ferida aberta em milhões de torcedores.

KESTELMAN, Amanda. Incêndio do Flamengo dilacera dez sonhos e o maior patrimônio da torcida. *GI*. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/opiniaio-incendio-do-flamengo-dilacera-dez-sonhos-e-o-maior-patrimonio-da-torcida.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2019.

## EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

**01.** Agora, continue as marcações do texto: de vermelho, os trechos que repetem / reproduzem / fazem referência a **Incêndio do Flamengo dilacera**; de azul, a **dez**; de verde, a **sonhos**; de roxo, a **maior patrimônio**. Note que essa é uma forma de se perceber que o leitor é o agente da produção de sentidos, é ele quem faz a busca das condições de produção do texto e com elas dialoga.

Ao ler o artigo de opinião (e, portanto, inquiri-lo), é possível observar que o assunto anunciado é tratado em todo o decorrer do texto (pergunta: de que trata o texto?). Também é possível inferir a subjetividade que perpassa as ideias, expondo o sentimento de dor da jornalista (pergunta: qual é a posição da autoria nesse artigo de opinião?). Em nenhum momento a autora cai em contradição (perguntas: já que se trata de um artigo de opinião, o ponto de vista se garante? De que forma(s) se garante?).

Semelhantemente, há **coerência** nessa composição: em todos os parágrafos ocorre a **retomada** e a **ampliação** da proposta evidente no título, por meio de repetições e reproduções de suas expressões-chaves, o que fica evidente por meio das cores. Assim, em todos os parágrafos, é exposta ao leitor a linha que costura as ideias propostas.

A capacidade leitora de acionar o próprio arquivo cultural e fazer associações permite que seja construída a coerência, a partir dos recursos textuais – repetição, retomada, substituição lexical. Foi possível constatar, ao destacar as palavras / expressões, na questão anterior, como o texto não perdeu o fio da meada, como houve uma **unidade temática**, ou seja, o texto apresentou recursos para que a leitura não se perdesse.

## A COERÊNCIA NO TEXTO NÃO VERBAL



Assim como há os textos cuja coerência é feita pela linguagem verbal, há aqueles em que ela se dá pelos recursos não verbais, constituídos de imagens e / ou sons.



Duke Chargeista

DUKE. *Jornal O tempo*, 09 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/charges>. Acesso em: 19 set. 2019.

Da mesma forma que a leitura do artigo de opinião de Amanda Kestelman exigiu a atuação do leitor, a charge de Duke também vai exigir a ativação de habilidades de busca (e, portanto, de seleção) para, comparando e associando, ser possível compreendê-la e interpretá-la.

- É preciso ativar o recurso com as noções do gênero, neste caso, uma charge.

- Como esse material é objeto de ensino e aprendizagem nos anos escolares, facilmente vêm à tona suas características: uma produção que se relaciona a algum fato do momento; intenção, geralmente, de ironizar, denunciar; uso de linguagem não verbal e / ou verbal.

Continuando a leitura, e sempre retomando os estudos, é preciso examinar a perigrafia do texto e interrogá-la para a produção de sentidos. Consta, na referência da charge, a data de sua publicação, 09 de fevereiro de 2019, e sua autoria, Duke. Por isso, é necessário analisar o texto como um todo, sempre fazendo perguntas a ele, neste caso:

- o que ocorreu nessa data que provocaria a criação da charge?
- quem é esse chargista?
- que temas ele comumente trabalha?

Há dois caminhos a seguir: ir até o arquivo mental, para verificar se essa data suscita alguma lembrança; não a encontrando, perguntar a pessoas ou pesquisar em jornais ou Internet, de forma a encontrar algum fato que remeta à charge.

Observando o corpo da charge, fazer o mesmo com a imagem:

- a que remete a ave?
- que ave é apresentada?
- o que significa a fita em forma de laço que compõe seu corpo?

Ao procurar fatos que se deram no entorno de 09 de fevereiro de 2019, encontra-se, entre vários, esse sobre o qual trata o texto que foi estudado – “Incêndio do Flamengo dilacera dez sonhos e o maior patrimônio da torcida” –, que opina sobre o incêndio que ocorreu no centro de treinamento do Flamengo, no Rio de Janeiro. Sobre o chargista, tanto pelo contato frequente a suas charges quanto pela investigação de seu nome, o leitor saberá que uma das fontes mais comuns de sua criação é o futebol.

Essas informações podem promover outras descobertas. Por exemplo, que a ave, um urubu, é o elemento que simboliza o time de futebol Flamengo. Isso, é claro, se o leitor tem essa informação no seu arquivo cultural ou se se propõe a buscá-la.

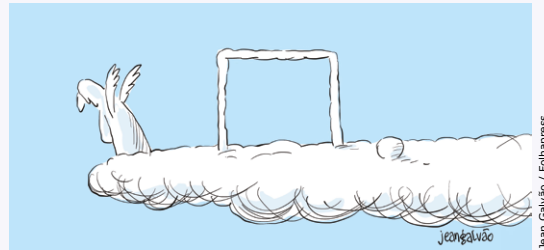
Outro elemento a ser “desvendado” é a fita, o laço que faz o formato do corpo da ave. O conhecimento de mundo do leitor ou uma pesquisa possibilitará o entendimento dessa imagem. Trata-se de um símbolo de alguma ação, neste caso, do luto, especialmente porque está associada à cor preta. Se fosse amarelo, por exemplo, poderia estar ligado à campanha de conscientização “Maio amarelo”; se rosa, à campanha de prevenção do câncer de mama.

Com essas referências, chega-se à conclusão de que a charge é construída coerentemente: ave e laço pretos, associados, demonstram o luto pelo qual está tomado o time carioca.

É preciso ressaltar a importância do leitor, que (re)faz o caminho de construção do texto. Sem sua atuação, não há como se verificar o modo de construção da coerência da charge de Duke ou a de qualquer outra produção.

## EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

- 02.** Seguindo os passos para os estudos da coerência, desta vez do texto não verbal, ative seus conhecimentos para construir os efeitos de sentido desse recurso na charge a seguir.



GALVÃO, Jean. *Folha de S.Paulo*, 10 fev. 2019. Caderno Opinião.

- Quais são as intenções da charge?
- Descreva as estratégias de construção que garantem essa intencionalidade.

## A COERÊNCIA NO TEXTO MULTIMODAL

Ainda que os textos sejam predominantemente verbais, dependendo de suas condições de produção, podem trazer marcas não verbais, ou seja, recursos outros que não as palavras. Por exemplo, o artigo “Incêndio do Flamengo dilacera dez sonhos e o maior patrimônio da torcida”, composto em linguagem verbal, ao ser publicado no veículo jornal, sofre ajustes para esse suporte, como:

- o tamanho da letra (maior que a do corpo do texto);
- a força da impressão (negrito) no título;
- o uso de itálico em várias palavras.

Entretanto, pode-se dizer que essas não são estratégias fundamentais para sua composição, embora contribuam pela sua função de destacar ideias. Assim, o uso dominante da linguagem verbal é recurso adequado à construção coerente do gênero artigo de opinião.

Em contrapartida, há os textos chamados **multimodais**, cuja composição depende também e essencialmente da linguagem não verbal, de forma a garantir a coerência das ideias e ainda a coerência do gênero. Os sentidos que o leitor constrói passam pelos signos alfabéticos aos quais estão relacionados elementos imagéticos, sonoros e de movimento.

Esse é o caso de tirinhas, charges e obras ilustradas dirigidas em especial ao público infantil, que **harmonizam palavra e imagem** (traços, cores, formatos, expressões, gestos).

Leia a tirinha a seguir.



DAHMER, André. *Quadrinhos dos anos 10*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016. p. 225.

O reconhecimento do gênero, neste caso, uma tirinha, é fundamental para a leitura. Esse é um passo dado pelo leitor que, tendo essa informação, já antecipa o riso, buscando os estranhamentos apresentados ao longo das cenas, para uma produção de humor coerente.

Descrevendo essa sequência de Dahmer, entende-se, por meio da linguagem verbal, que há duas personagens: um pai (chamado pelo filho de “papai”) e um filho (chamado pelo pai de “Sandrinho”).

Observando a imagem, ocorre uma nítida sensação de haver uma primeira **incoerência**:

Personagem 1 – Filho	Personagem 2 – Pai
jovem	idoso
estatura avantajada	imagem de sabedoria
camiseta com a imagem de uma caveira	roupa mais formal
comete atos de violência contra mendigos	aconselha o filho

### 1º e 2º quadrinhos

A primeira fala do pai sugere, a princípio, certo constrangimento de que as pessoas saibam que seu filho é intolerante com mendigos e os agride com violência, algo a ser escondido. Além disso, a delicadeza do nome no diminutivo parece incompatível (incoerente) com suas ações e seu tipo físico.

Como resposta ao conselho do pai, o jovem reage com uma pergunta em tom infantil (“Por que não, papai?”), assim, a incoerência parece se manter, e hipóteses são estabelecidas: teria o filho problemas de ordem mental? Seria ele infantilizado? O pai quer protegê-lo?

### 3º quadrinho

O humor ácido de Dahmer é deflagrado: não só o jovem não tem problemas mentais, como o pai nada tem de sábio, de conselheiro. Em seu discurso, “surras que você dá em mendigos” é algo tolerável. Ele, assim, constrói uma lógica imoral, indecente, que é denunciada pela ironia. Para isso, o perfil das duas personagens – um sábio e um frágil – se desmantela, dando lugar a dois seres violentos – um que ensina a violência; outro que a aprende.

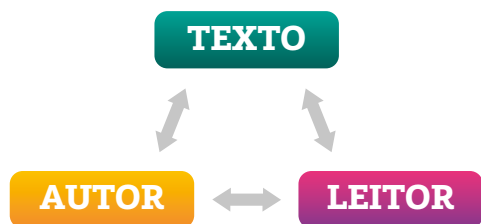
O diálogo ocorre em um tom terrivelmente educativo, formativo. Porém, trata-se de uma educação às avessas, de forma que o intolerante passa a ser aquele que é pacífico. Assim, quem se sente ultrajado pelas ações violentas e a elas reage, criticando-as, tem seu papel invertido, torna-se intolerante. Tolerante, por sua vez, passa a ser aquele que aprova pessoas tomadas pelo ódio e pelo preconceito. Como ensina o pai, o ideal é que se tolere e aplauda a violência. É isso que o filho aprende, infantilizado na sua incapacidade de pensar, discernir, entender que pratica ações hediondas.

O **efeito de sentido** promovido é um mal-estar, porque a lógica interna à tirinha, que pode parecer algo incoerente, escancara a sociedade brutal e impiedosa da qual o leitor faz parte, esta que aprova, sanciona e ovaciona a tortura, o ódio, o sofrimento imposto ao outro. A tirinha demonstra que pais formam filhos com esse pensar, inocentando-os de sua maldade, e que filhos aprendem esse pensar, sendo incapazes de qualquer discernimento.

Acentua essa sensação de incômodo, o conhecimento (e talvez a prática) de que o Facebook é uma ferramenta de difusão de modos quaisquer de pensar, sem que haja esclarecimentos e conscientização sobre a libertinagem de expressão que o meio permite, o oposto do que seria a liberdade de expressão. Assim, ofensas e grosserias lado a lado com elogios e ponderações são algo comum.

Essa mídia, para muitos, é um espaço de registro de intolerâncias, de propagação da ignorância, na qual se pode detectar os desvios de conduta, em que o que seria errado passa a ser elogiado e o que é certo passa a ser criticado. Como observador ou agente, em maior ou menor grau de atuação, de qualquer forma, com qualquer postura, esse conhecimento deve fazer parte do processo da leitura por parte do leitor.

Dessa maneira, a associação de **recursos verbais e não verbais** para promover a coerência do texto, expressão da intencionalidade de denunciar uma prática social abominável, só acontece na interlocução da tríade autor, texto e leitor. Cabe a este último movimentar seu arquivo cultural, selecionando conhecimentos ou indo em busca daqueles que ainda não são de seu domínio.



A partir de então, cumpre-se a demanda exigida pela composição de palavras e traços, cores e formas, qual seja, dar vida à coerente acusação contra a sociedade proposta pelo quadrinista. Se assim não for, a tira ficará como algo incoerente, ininteligível.

Com o advento da Internet, as charges, as tiras e os quadrinhos ganharam sonoridade e movimento: expressão oral e gestos, melodias, sons, formando um novo nicho de produções textuais. Nessas novas formas, a coerência se dá mediante a ação do leitor sobre esses novos recursos. Acesse o QR Code para comparar o humor entre as “tradicionalis” formas e essas que são fruto do advento da Internet.



Em seguida, reflita e comente com seus colegas: o meio em que são veiculadas trouxe inovações positivas? Houve perdas?

Da mesma forma, filmes, antes arte por excelência visual e sonora, passaram a ser também verbais. Assista a dois filmes de Charles Chaplin para entender como funcionava essa forma de arte com predominância não verbal e ainda para estudar a coerência.

O primeiro deles, *Tempos modernos*, satiriza a produção industrial que explora o homem à exaustão. O segundo, *O grande ditador*, vai apresentar os absurdos da História por meio de uma das melhores caricaturas de Hitler e de seu sistema totalitário, dessa vez uma película já com linguagem verbal em meio às outras estratégias. No discurso final, há um jogo de vozes que dá lógica e coerência a uma aparente incoerência, sobrepondo uma voz comum à voz do ditador, numa mensagem de conscientização contra o totalitarismo.

## EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

03. Observe com atenção a imagem da capa da revista *Carta Capital*, de 01 de fevereiro de 2019, e responda à questão a seguir.



O que torna coerente a relação entre a imagem e a manchete? Leve em conta que a coerência é fator construído pelo leitor a partir das condições de construção do texto.

## COERÊNCIA: PARA QUE UM TEXTO SEJA UM TEXTO



Pode-se dizer que:

a coerência é um princípio que faz com que um texto seja um texto, um objeto produzido com recursos de composição harmônica, sempre determinada pelo ato de ler, este motivado pelas condições de produção (enunciador, enunciatário, suporte, intencionalidade).

Alguns desses recursos são específicos dos textos de predominância da linguagem verbal, como foi estudado no artigo de opinião, em cujo interior detectou-se a estratégia da **recorrência**, algo que delimita a coerência entre as ideias. Trata-se de uma atividade feita pelo leitor de observar e associar a reincidência de vocábulos e expressões que estruturam a linearidade e a manutenção do tema. São **repetições**, **substituições** e **retomadas** seguradoras de que o fio da meada não se perca.

Outros desses artifícios são específicos dos textos em que há predominância da linguagem não verbal, como foi visto na charge. A maneira de o leitor construir a coerência se deu mais intensamente por meio do acionamento do seu **arquivo cultural**, em busca de elementos concomitantemente externos e internos à produção lida. Responsável por fazer essa linha entre si mesmo e seu objeto de leitura, cabe a esse leitor identificar **fatos, informações, símbolos**, etc., que fomentem comparações e associações com elementos intratexto e, então, correlacioná-los, a ponto de dar-lhes coerência.

Há ainda os textos de composição mista, multimodais, com linguagens múltiplas, a exemplo, uma tirinha, cuja coerência se constrói por meio do leitor, o qual tem de fazer **associações** entre **recursos verbais e não verbais** (expressões corporais, cores, traços, etc). O contato frequente às cenas internas da tira promoveu a percepção de certa incoerência. No entanto, orientado pelo conhecimento da intencionalidade do gênero e sobre o quadrinista Dahmer, cujo humor é ácido, o roteiro de leitura percorrido pelo leitor se alterou e ele pôde “coelaborar” a coerência, resultando na denúncia de um comportamento imoral da sociedade brasileira atual, banalizado nas redes sociais.

A coerência é, portanto, **construída pelo leitor** em textos de composição distinta, por meio de modos de leitura variados, mas sempre partindo das condições de produção textual e com o acionamento do arquivo cultural. Trata-se de um movimento permeado pelas habilidades de leitura, como:

observar → decodificar → entender → comparar → associar



compreender



interpretar

Foi estudada até aqui a operacionalização da coerência nos textos por excelência verbais e nos não verbais. Essas duas linguagens podem ainda se cruzar em um mesmo texto, cuja coerência se promove pela construção que faz o leitor quando da leitura dessas produções multimodais.

Os textos circulam no mundo, estão no cotidiano e são verdadeiras chamadas para o exercício da leitura, ato que pressupõe a construção da coerência. Essa prática desenvolve a inteligência e a sensibilidade leitora, de forma que contribui para a formação de pessoas que não admitem o senso comum, capazes de fazer críticas consistentes, agindo diferentemente dos “achismos”.

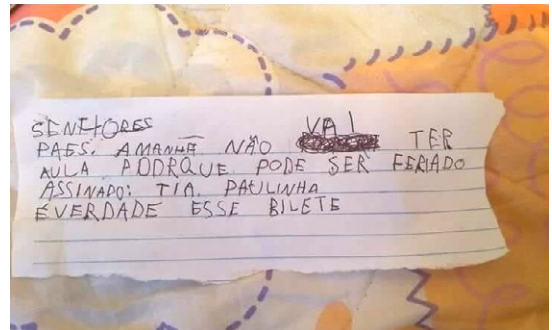
Esses estudos contribuem para que você se constitua como um **ser de leitura** e compreenda que vive por meio da linguagem manifesta em textos. Assim, o estudo de um dos aspectos da leitura e da produção de textos está no seu dia a dia.

Ao se deparar com qualquer produção, é possível verificar como ela se constitui coerentemente ou incoerentemente; qual é a contribuição da coerência para o texto alcançar sua meta; se por um acaso há na produção algo que a torne incoerente ou se existe ali uma incoerência aparente, estratégica.



### PARA REFLETIR

Muitas produções textuais são mais peculiares e tornam o processo de leitura mais elaborado. É o que se dá diante do texto a seguir.



Gabriel Lucca

Disponível em: <<https://paisefilhos.uol.com.br/crianca/e-verdade-esse-bilete-veja-10-frases-super-criativas-com-o-novo-meme-da-internet/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

Para a leitura do bilhete em destaque, é preciso usufruir do seu contexto de produção, algo sempre muito importante. Em seguida, deve-se analisar como a coerência é um fator fundamental para os efeitos de sentido que se deram.

Gabriel, um garoto de 5 anos, morador de Bocaina, em São Paulo, pediu à mãe para faltar à aula porque queria assistir a certo desenho. Como a mãe não consentiu, ele resolveu escrever-lhe um bilhete, no qual constam estratégias que ele pretendia serem persuasivas. Veja como o princípio da coerência é fundamental para os efeitos de sentido passíveis de serem processados.

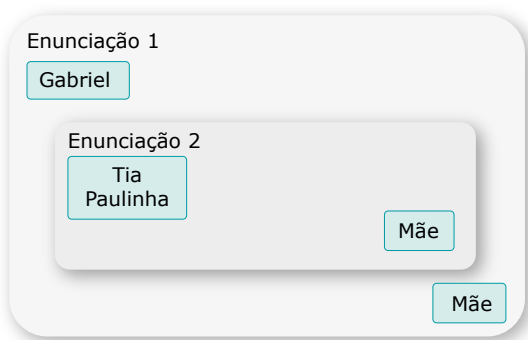
Para efeito de explanação da matéria **coerência**, é preciso tratar dos elementos de composição do texto separadamente – os verbais e os não verbais –, com base em suas condições de produção.

Aproveite para perceber como os estudos da Língua Portuguesa são encadeados: o ato de ler, como produção de sentidos que é, exige do leitor a verificação das suas condições de produção e dos fatores de sua composição, entre estes, a coerência.

Para que se compreenda como se dá (ou não) a coerência no bilhete de Gabriel, será apresentada uma analogia. Você sabe o que é uma **matrioska**? É um brinquedo artesanal da Rússia que se caracteriza por reunir uma série de bonecas de tamanhos variados que são colocadas umas dentro das outras, de forma que há sempre uma surpresa dentro de outra, dentro de outra, dentro de outra... Veja a imagem.



Analogamente, os procedimentos tomados por Gabriel para construir seu texto e conseguir seu intento de faltar à aula para assistir a um desenho constituem-se como uma matrioska: um **ato comunicativo** (enunciação) que traz dentro de si outro ato comunicativo, ambos sob o comando de Gabriel, um autor, digamos, “onipresente”, o arquiteto. Assim, um ato é dele mesmo para sua mãe; outro, de uma suposta professora para a mãe de um aluno, porém ambos relacionados, intrínsecos.



Quanto às condições de circulação social, há:

No que se refere à enunciação 2, aquela que chega até a mãe e se constitui como uma farsa, há:

- **enunciador**, quem assina o texto: Tia Paulinha;
- **enunciatário**, a quem é destinado o texto: pais;
- **suporte**: um pedaço de papel rasgado de uma folha de caderno, algo meio amolambado;
- **intencionalidade**: avisar que não haverá aula no dia seguinte ao da emissão do bilhete;
- **estratégias** para fazer cumprir a intencionalidade, entre tais interlocutores: uso formal de vocativo, estrutura de bilhete e assinatura.

Já no que se refere à enunciação 1, aquela que antepara a enunciação 2, há:

- **enunciador**, quem constrói o texto: Gabriel;
- **enunciatário**, a quem é destinado o texto: os pais de Gabriel;
- **suporte**: um pedaço de papel rasgado de uma folha de caderno, algo meio amolambado;
- **intencionalidade**: enganar os pais para conseguir faltar à aula no dia seguinte ao da emissão do bilhete;
- **elementos** de composição:

<b>Não verbais</b>	rabiscos sobre palavra, letra manual e de forma, traço de letra infantil;
<b>Verbais</b>	presença de desvios de grafia, ausência de ponto final ao término do texto, presença de ponto final após vocativo;
<b>Recursos textuais</b>	pertinentes ao gênero bilhete expositivo (vocativo, corpo do texto, assinatura; <i>postscriptum</i> ); uso do verbo “pode”, que assume o efeito semântico de probabilidade.



- **estratégias** para fazer cumprir a intencionalidade entre tais interlocutores: construção de um ato comunicativo falso; tentativa de informação justificada; tentativa de encobrir erros; e uso de um *postscriptum* como recurso persuasivo.

O texto produzido por Gabriel não é algo novo nas relações entre pais e filhos. Por que a intenção de Gabriel, a que motivou a sua escrita do bilhete, não teve o desfecho esperado e ainda viralizou na Internet?

Para responder a essa questão, em grupo, discuta sobre os procedimentos do garoto e verifique como o fator **coerência** foi fundamental para que o efeito de sentido se desse às avessas do pretendido. Ao criar a farsa — um “enunciador” professora —, com o intuito de constituir uma voz de autoridade ao texto, ele não se ateu aos recursos que seriam típicos dessa pessoa, em sua função social, e manteve muito explícitos os recursos que pertenceriam ao seu próprio perfil de criança. Há, assim, uma **incoerência**, motivada pelo cruzamento (não pretendido) de vozes e pela conseqüente presença de elementos incompatíveis no decorrer da composição do texto.

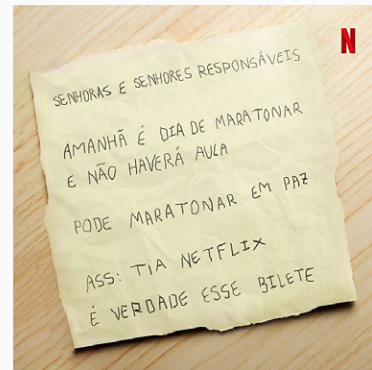
Analise os comentários a seguir e consulte o levantamento feito anteriormente.

1. A relação escola / pais exige certas formalidades de tratamento. Sendo assim, a assinatura, “Tia Paulinha”, fica descabida, já que o enunciatário, o alvo do texto, são os pais. Que locutor usaria mais adequadamente o tratamento “tia”?
2. O suporte é altamente inadequado: um pedaço de papel rasgado de uma folha de caderno, algo meio amolambado, soaria como um desleixo, algo incompatível com o comportamento de alguém que exerce a função de professora, o que, então, muito a desmereceria. Um material assim descuidado seria mais comum a uma criança. Aspectos gráficos corroboram para a quebra de expectativa gerada pelo mesmo suporte. Quais são os aspectos gráficos que contribuem ainda mais para esse estranhamento? Justifique.
3. A intencionalidade também se desmascara pelo uso do verbo “pode”. Explique essa afirmativa.
4. Na linha de aspectos linguísticos, ainda temos o erro de grafia (“paes” no lugar de “pais”; “poorque” no lugar de “porque”; “billete” no lugar de “bilhete”), presença equivocada de ponto final após o vocativo e ausência de ponto final ao término do texto. Em que isso compromete o efeito desejado por Gabriel?
5. Por fim, outro aspecto incoerente, o conteúdo do *postscriptum*. Qual foi a intenção de Gabriel ao usar essa estratégia? Por que esse foi um erro muito grave?

## EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

04. Com base no que foi exposto na seção “Para refletir”, note que o intento de Gabriel — conseguir enganar a mãe e faltar à aula — não foi alcançado. Para compensar, o texto ganhou fama e tornou-se um dos memes mais famosos do ano de 2018. Observe o exemplo a seguir.

@ Instagram



Leia atentamente esse meme (seguindo os estudos sobre como ler, ou seja, produzindo sentidos). Cite suas condições de produção: enunciador, enunciatário, intencionalidade, suporte e estratégias, relacionando a coerência e a incoerência nesse processo estratégico.

## COERÊNCIA E OS FATORES PRAGMÁTICOS DA TEXTUALIDADE



A coerência não é um fator textual único ou isolado. Ela compõe, junto a outros seis, algo a que se denomina textualidade, a qual é composta pelos fatores textuais e contextuais necessários para que o texto cumpra eficientemente o objetivo sociocomunicativo para o qual foi elaborado. Esses componentes são: coesão, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade. Observe, na charge a seguir, de que modo atuam os fatores da textualidade.



©Angeli / Folha de S.Paulo 24.11.2006 / Fotarena

A charge é bastante hermética, isto é, de difícil compreensão. Nela, aparecem apenas a entrada de um estabelecimento, identificado como um motel pela presença de uma placa com o nome “República Motel”, e uma introdução com os dizeres: “O ponto de encontro entre o público e o privado”.

Intencionalidade	<p>A <b>intencionalidade</b> de Angeli nessa charge é fazer alusão à corrupção, definindo, em termos gerais, em que consiste essa prática. Entretanto, para entender a intenção do autor ao produzir esse texto, o leitor precisará mobilizar o seu conhecimento de mundo e também de outros textos. Dessa forma, essa charge só será considerada coesa e coerente pelo leitor se ele colaborar para a produção de sentido com seu conhecimento prévio.</p>
Aceitabilidade	<p>Quanto à <b>aceitabilidade</b> desse texto como coerente, o leitor precisará entender em que consiste a corrupção, principalmente na esfera política. Na maior parte dos casos de corrupção, os políticos apropriam-se de bens públicos ou se aproveitam de suas posições e de seus cargos para obter vantagens pessoais. Em outras palavras, pode-se afirmar que a corrupção política se origina da mistura que se faz entre a esfera pública e a privada e da apropriação inadequada de bens e vantagens pertencentes à esfera pública na esfera privada. A ideia de mistura entre essas esferas é reiterada na placa que aparece na charge. A palavra “República” tem seu sentido no termo latino “<i>res publica</i>”, que significa “coisa pública”. A palavra “motel”, por sua vez, pode remeter à ideia de “promiscuidade”, definida como “mistura desordenada e confusa”.</p>
Informatividade	<p>Se o leitor não for capaz de, a partir de seu conhecimento de mundo, fazer essas inferências, provavelmente não será capaz de compreender o sentido do texto e a intenção do autor ao produzi-lo. Assim, seria possível afirmar que o nível de <b>informatividade</b> do texto é demasiadamente alto para o leitor. Porém, se ele for capaz de compreender, o nível de quantidade de informações estaria adequado.</p>
Situacionalidade	<p>Considerando-se, entretanto, que a charge foi publicada em um jornal de grande circulação nacional, lido por um público bem informado sobre fatos políticos, a charge é adequada à <b>situacionalidade</b> sociocomunicativa na qual ela se manifesta. De modo geral, as expectativas, crenças e conhecimentos do público leitor do jornal em questão coincidem com os do autor desse texto.</p>
Intertextualidade	<p>Além disso, deve-se considerar que esse público tem conhecimento de outros textos sobre o mesmo tema. Nesse caso, a <b>intertextualidade</b> pode ocorrer tanto a partir de textos que denunciam, por exemplo, desvios de verbas públicas, fraudes em licitações, nepotismo ou clientelismo, que podem ser entendidos como exemplos específicos e concretos da apropriação indevida de bens públicos para atender a interesses privados, quanto a partir de textos que teorizam sobre as formas de manifestação da corrupção na sociedade brasileira.</p>

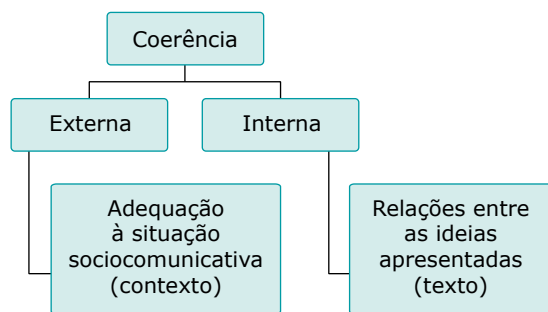
Observe como todos os fatores constituintes da textualidade e, portanto, definidores da condição de um texto para que ele assim seja considerado, se encontram em sua composição, esta intrincada a um contexto. Cabe ao leitor agir sobre a perigrafia, sobre as linhas, traços, formatos do corpo do texto, sobre o conhecimento linguístico, textual e de mundo, de forma a produzir efeito(s) de sentido.

A coerência pode estar relacionada a elementos linguísticos, mas ela não depende exclusivamente deles. Assim, para a percepção da coerência no texto “Incêndio do Flamengo dilacera dez sonhos e o maior patrimônio da torcida”, foram feitas marcações na tessitura do texto, orientadas por elementos gramaticais, a **coesão**. No entanto, para a percepção da coerência na tira de Duke, foram mobilizadas outras interações do leitor com aquilo que emana das formas, cores, que se constituem em **signos**. Por sua vez, quando foi estudada a coerência na tirinha de Dahmer, foi preciso observar elementos linguísticos, coesivos, e não linguísticos, estes circunscritos no contexto em que se dá a tirinha.

O mesmo se deu na análise do jogo coerência / incoerência no bilhete da criança à mãe. Nesse caso, o leitor precisa fazer ligações entre aspectos linguísticos (a coesão) e textuais, para compreender como a incoerência foi fator decisivo para que as intenções do enunciador não se realizassem e também para que fossem produzidos outros efeitos de sentido, como o riso, e, ainda, se tornasse objeto de outras produções, numa rede intertextual criativa, os memes.

O princípio que fundamenta a coerência é o da **interpretabilidade** do discurso. A construção de sentido para um texto se dá em situação de interação, quando o leitor formula algum cálculo para algum sentido e segue apelando aos elementos linguísticos – a coesão – e aos contextuais, desde a perigrafia, vasculhando seu arquivo cultural e / ou implementando nele novidades.

Sendo assim, a coerência está ligada tanto à adequação do texto à situação sociocomunicativa em que é utilizado, quanto à capacidade ou à predisposição do leitor para entender-lhe o sentido. Por isso, ao se produzir um texto, é preciso considerar dois aspectos: deve-se cuidar para que ele seja pertinente ao **contexto sociocomunicativo** definido (coerência externa) e para que haja **nexo entre as ideias** nele apresentadas (coerência interna). É possível, assim, entender a coerência da seguinte forma:



## COERÊNCIA EXTERNA

A coerência externa se apresenta de diferentes formas, dependendo do gênero ao qual o texto pertence. Foi possível verificar isso no estudo de uma charge, uma tira, um bilhete e um meme. Tanto nesses gêneros quanto em outros, como nos de natureza dissertativo-argumentativa, por exemplo, a coerência externa deve ser entendida como a compatibilidade entre as ideias apresentadas no texto e a realidade empírica, isto é, observada, experimentada. Entretanto, em alguns gêneros, deve-se entendê-la de forma mais particularizada.

Por exemplo, quando se pensa em textos de natureza narrativa, é possível julgar a coerência externa de diferentes perspectivas. Se se trata de uma notícia, o que se apresenta no texto deve ser compatível com a realidade. Outras narrativas, mesmo sendo ficcionais, são verossímeis, ou seja, narram fatos semelhantes aos que ocorrem na realidade.

Quando se pensa em um romance realista / naturalista ou mesmo em uma novela da TV, percebe-se que o que é relatado poderia proceder no mundo real. Por outro lado, há textos que apresentam fatos totalmente inverossímeis, ou seja, incompatíveis com a realidade.

A seguir, leia um trecho do primeiro capítulo do romance *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, que exemplifica o processo de coerência externa em textos narrativos. A história desse romance ocorre em uma sociedade futurística e artificial, em que os seres humanos são totalmente produzidos em laboratório, da concepção ao nascimento, a fim de que apresentem características genéticas predeterminadas e adequadas à função que cada um deverá desempenhar na sociedade.

Assim, são produzidos indivíduos singulares, com capacidade física e intelectual elevadas, os quais estariam destinados a dirigir a sociedade – os Alfas –, bem como indivíduos gradativamente menos capacitados, ordinários, que seriam, na verdade, dezenas de clones pouco desenvolvidos intelectualmente, cuja função seria desempenhar atividades repetitivas, braçais, subalternas – os Gamas, os Deltas e os Epsilons.

Sempre apoiado contra as incubadoras, forneceu-lhes [...] uma breve descrição do moderno processo de fecundação; falou-lhes primeiro, naturalmente, da sua introdução cirúrgica [...] continuou com uma exposição sumária da técnica de conservação do ovário, seccionado no estado vivo e em pleno desenvolvimento; passou a considerações sobre a temperatura, a salinidade e a viscosidade ótimas; fez alusão ao líquido em que se conservavam os óvulos destacados e chegados à maturidade; e, levando os alunos às mesas de trabalho, mostrou-lhes mesmo como se retirava esse líquido dos tubos de ensaio; como se fazia cair gota a gota sobre as lâminas de vidro, especialmente aquecidas, para preparações microscópicas; como os óvulos que ele continha eram inspecionados com vista a possíveis caracteres anormais, contados e transferidos para um recipiente poroso; como (e levou-os a observar a operação) esse recipiente era mergulhado em um caldo tépido contendo espermatozoides que nele nadavam livremente [...] e como, ao cabo de dez minutos, o vaso era retirado do líquido e seu conteúdo novamente examinado; [...] como os óvulos fecundados voltavam às incubadoras; onde eram conservados os Alfas e os Betas até seu acondicionamento definitivo em bocais, enquanto os Gamas, os Deltas e os Epsilons eram retirados ao fim de apenas trinta e seis horas para serem submetidos ao Processo Bokanovsky.

– Ao Processo Bokanovsky – repetiu o Diretor, e os estudantes sublinharam essas palavras nos seus cadernos.

Um ovo, um embrião, um adulto – é o normal. Mas um ovo bokanovskizado tem a propriedade de germinar, proliferar, dividir-se: de oito a noventa e seis germes, e cada um destes se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião um adulto completo. Assim se consegue fazer crescer noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado. Progresso.

– A bokanovskização – disse o D.I.C., para concluir – consiste essencialmente numa série de paradas do desenvolvimento. Nós detemos o crescimento normal e, paradoxalmente, o ovo reage germinando em múltiplos brotos.

*Reage germinando. [...]*

[...] A essa altura, o ovo primitivo tinha fortes probabilidades de se transformar em um número qualquer de embriões, de oito a noventa e seis – “o que é, hão de convir, um aperfeiçoamento prodigioso em relação à natureza. Gêmeos idênticos – não, porém, em insignificantes grupos de dois ou três, como nos velhos tempos da reprodução vivípara, quando um ovo se dividia às vezes, acidentalmente, mas sim em dúzias, em vintenas, de uma só vez.” [...]

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. 5. ed. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1979. [Fragmento]

Embora a fertilização *in vitro* seja um dado do texto coerente com a realidade, a gestação de seres vivos em laboratório não o é. Entretanto, esse trecho da narrativa não pode ser considerado incoerente se levarmos em conta o contexto em que ele se manifesta. Ao se dispor a ler um romance como esse, o leitor estabelece com o texto um **pacto de ficção**, dispondo-se a aceitar como coerentes, no contexto do romance, fatos inverossímeis e, portanto, incoerentes com a realidade em que ele vive.

É o que ocorre nas narrativas fantásticas e nos contos maravilhosos. Esses gêneros são permeados por seres encantados e por questões sobrenaturais, mas, se bem construídos, são considerados verossímeis, pois estão em estreita correlação com a realidade à qual pertencem; a realidade do sonho, do encanto, da magia.

Em cada tipo de narrativa, o leitor mobiliza diferentes conhecimentos para julgar a coerência do texto. O mesmo ocorre ao se avaliarem outros gêneros textuais. Um texto religioso, que descreva, por exemplo, a criação do mundo e do primeiro homem em sete dias, será coerente com os dogmas das religiões judaica e cristã. Já um artigo científico deve estar em acordo – e ser, portanto, coerente – com as concepções científicas vigentes na época em que é produzido.

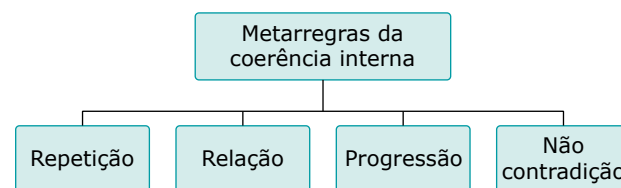
Assim, ao se pensar em coerência externa, não se deve entendê-la apenas como a compatibilidade entre o texto e a realidade empírica, mas deve-se considerar as particularidades de cada texto e de cada situação sociocomunicativa. Em uma situação de produção de texto, a coerência externa é definida, em parte, pela proposta de redação. Se for solicitada a redação de uma narrativa, há mais liberdade para se romper com a realidade.

## COERÊNCIA INTERNA

No início deste estudo, foi feito um exercício de destacar palavras, termos e expressões do texto “Incêndio do Flamengo dilacera dez sonhos e o maior patrimônio da torcida”. Foi trabalhado o corpo do texto, seu interior, verificando como se construía nele a coerência interna.

A coerência interna ou intratextual se dá a partir das relações estabelecidas entre as ideias em um texto. Essa coerência está diretamente relacionada à elaboração e à execução de um projeto de texto, o qual é definido, em uma situação de produção textual, com base na proposta de redação.

Para que um projeto de texto seja bem executado, devem ser observados quatro princípios, também chamados de “metarregras”.



**Repetição:** ao se produzir um texto, é necessário retomar constantemente ideias já mencionadas para que o leitor seja capaz de compreender o sentido em que se desenvolve o raciocínio. Esse princípio está intimamente ligado aos mecanismos de coesão textual. Popularmente, poderíamos resumi-lo por meio da expressão “não perder o fio da meada”.

**Relação:** em um texto, as ideias sobre um mesmo tema não devem ser apenas enumeradas, mas sim relacionadas, de modo que componham uma linha de raciocínio, ou seja, as ideias apresentadas devem guardar relações lógicas e semânticas umas com as outras, caso contrário, não haveria um texto, e sim um amontoado de frases soltas sobre um mesmo tema. Ou seja, “uma coisa sempre tem de ter a ver com outra”.

**Progressão:** embora a repetição garanta tanto a coerência quanto a coesão, não se deve apenas repetir uma mesma ideia ao longo de todo o texto. É necessário acrescentar, progressivamente, novas ideias que, em concordância com as já enunciadas, permitam a explicitação do raciocínio que conduzirá o leitor à conclusão pretendida pelo autor do texto. A expressão que ilustra essa metarregra é “não ficar dando voltas no mesmo lugar”.

**Não contradição:** as ideias apresentadas em um texto não podem se contradizer, ou seja, não se pode fazer uma afirmação e, em seguida, apresentar algo com sentido oposto. Em outras palavras, deve-se sempre estar ciente de que “pau é pau; pedra é pedra”.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões de **05** e **06**.

**Vivendo e...**

5 Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. [...]

10 Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei mais que jeito é esse. Eu sabia a fórmula de fazer cola caseira. Algo envolvendo farinha e água e muita confusão na cozinha, de onde éramos expulsos sob ameaças.

15 Hoje não sei mais. A gente começava a contar depois de ver um relâmpago e o número a que chegasse quando ouvia a trovoadas, multiplicado por outro número, dava a distância exata do relâmpago. Não me lembro mais dos números. [...]

20 Lembro o orgulho com que consegui, pela primeira vez, cuspir corretamente pelo espaço adequado entre os dentes de cima e a ponta da língua de modo que o cuspe ganhasse distância e pudesse ser mirado. Com prática, conseguia-se controlar a trajetória elíptica da cusparada com uma mínima margem de erro. Era puro instinto. Hoje o mesmo feito requereria complicados cálculos de balística, e eu provavelmente só acertaria a frente da minha camisa. Outra habilidade perdida.

30 Na verdade, deve-se revisar aquela antiga frase. É vivendo e \_\_\_\_\_. Não falo daquelas coisas que deixamos de fazer porque não temos mais as condições físicas e a coragem de antigamente, como subir em bonde andando – mesmo porque não há mais bondes andando. Falo da sabedoria desperdiçada, das artes que nos abandonaram. Algumas até úteis. Quem nunca desejou ainda ter o cuspe certo de garoto para acertar em algum alvo contemporâneo, bem no olho, e depois sair correndo? Eu já.

VERISSIMO, Luis F.  
*Comédias para se ler na escola.*

**05.** (FUVEST-SP) A palavra que o cronista omite no título, substituindo-a por reticências, ele a emprega no último parágrafo, na posição marcada com pontilhado. Tendo em vista o contexto, conclui-se que se trata da palavra

- A) desanimando.                      D) brincando.  
B) crescendo.                        E) desaprendendo.  
C) inventando.

**06.** (FUVEST-SP) Um dos contrastes entre passado e presente que caracterizam o desenvolvimento do texto manifesta-se na oposição entre as seguintes expressões:

- A) "precisão" (l. 4) / "fórmula" (l. 10).  
B) "muita confusão" (l. 12) / "distância exata" (l. 17).  
C) "trajetória elíptica" (l. 23) / "mínima margem de erro" (l. 24).  
D) "puro instinto" (l. 24) / "complicados cálculos" (l. 25).  
E) "habilidade perdida" (l. 27) / "artes que nos abandonaram" (l. 33-34).

**07.** (UEMA) O poema a seguir foi extraído da obra "Alguma Poesia", de Carlos Drummond de Andrade, em que o autor põe em evidência a desconstrução da imagem de um ícone natalino. Leia-o para responder às questões propostas.

**Papai Noel às avessas**

A Afonso Atinos (sobrinho)

Papai Noel entrou pela porta dos fundos.  
(no Brasil as chaminés não são praticáveis),  
entrou cauteloso que nem marido depois da farra.  
Tateando na escuridão torceu o comutador  
e a eletricidade bateu nas coisas resignadas,  
coisas que continuavam coisas no mistério do Natal.  
Papai Noel explorou a cozinha com olhos espertos,  
achou um queijo e comeu.  
Depois tirou do bolso um cigarro que não quis acender  
Teve medo, talvez de pegar fogo nas barbas postiças  
(no Brasil os Papais-noéis são todos de cara raspada)  
e avançou pelo corredor branco de luar.  
Aquele quarto é o das crianças.  
Papai entrou compenetrado.  
Os meninos dormiam sonhando outros natais muito  
mais lindos  
mas os sapatos deles estavam cheinhos de brinquedos  
soldados mulheres elefantes navios  
e um presidente de república de celuloide.  
Papai Noel agachou-se e recolheu tudo  
no interminável lenço vermelho de alcobaça. Fez a trouxa  
e deu o nó, mas apertou tanto  
que lá dentro mulheres elefantes soldados presidente  
brigavam por  
causa do aperto.  
Os pequenos continuavam dormindo.  
Longe um galo comunicou o nascimento de Cristo.  
Papai Noel voltou de manso para a cozinha,  
apagou a luz, saiu pela porta dos fundos.  
Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*.  
São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Leia os versos a seguir, extraídos do poema "Papai Noel às avessas", de Carlos Drummond de Andrade.

"Papai Noel explorou a cozinha com olhos espertos,  
achou um queijo e comeu.  
Depois tirou do bolso um cigarro que não quis acender.  
Teve medo, talvez de pegar fogo nas barbas postiças"  
A coesão sintático-semântica no texto garante a compreensão das ideias nele apresentadas. Considerando as relações de sentido no poema, identifique o termo retomado pelo pronome **que**. Explique sua resposta, com base na leitura e na compreensão dos versos.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **04**.

### Legado do Iluminismo

O pensamento iluminista abraçou a ideia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade. Foi, sobretudo, um movimento secular que procurou desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de seus grilhões. Ele levou a injunção de Alexander Pope, de que "o estudo próprio da humanidade é o homem", muito a sério. Na medida em que ele também saudava a criatividade humana, a descoberta científica e a busca da excelência individual em nome do progresso humano, os pensadores iluministas acolheram o turbilhão da mudança e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado. Abundavam doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana (uma vez permitidos os benefícios da educação) e razão universal. "Uma boa lei deve ser boa para todos", pronunciou Condorcet às vésperas da Revolução Francesa, "exatamente da mesma maneira como uma proposição verdadeira é verdadeira para todos". Essa visão era incrivelmente otimista. Escritores como Condorcet, observa Habermas (1983, p. 9), estavam possuídos "da extravagante expectativa de que as artes e as ciências iriam promover não somente o controle das forças naturais, mas também a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade dos seres humanos".

O século XX – com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki – certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há suspeita de que o projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana. Essa foi a atrevida tese apresentada por Horkheimer e Adorno em *Dialética do esclarecimento* (1972). Escrevendo sob as sombras da Alemanha de Hitler e da Rússia de Stálin, eles alegavam que a lógica que se oculta por trás da racionalidade iluminista é uma lógica da dominação e da opressão. A ânsia por dominar a natureza envolvia o domínio dos seres humanos, o que no final só poderia levar a "uma tenebrosa condição de autodominação", conforme salienta Bernstein (1985, p. 9).

A revolta da natureza, que eles apresentavam como a única saída para o impasse, tinha, portanto, de ser concebida como uma revolta da natureza humana contra o poder opressor da razão puramente instrumental sobre a cultura e a personalidade.

São questões cruciais saber (i) se o projeto do Iluminismo estava ou não fadado desde o começo a nos mergulhar num mundo kafkiano; (ii) se tinha ou não de levar a Auschwitz e Hiroshima; e (iii) se lhe restava ou não poder para formar e inspirar o pensamento e a ação contemporâneos. Há quem, como Habermas, continue a apoiar o projeto, se bem que com forte dose de ceticismo quanto às suas metas, com muita angústia quanto à relação entre meios e fins e com certo pessimismo no tocante à possibilidade de realizar tal projeto nas condições econômicas e políticas contemporâneas. E há quem – e isso é o cerne do pensamento filosófico pós-modernista – insista que devemos, em nome da emancipação humana, abandonar por inteiro o projeto iluminista. A posição a tomar depende de como se explica o "lado sombrio" da nossa história recente e do grau até o qual o atribuímos aos defeitos da razão iluminista, e não à falta de sua correta aplicação.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993. p. 23-24 (Adaptação).

- 01.** (UEG-GO-2020) No período "O pensamento iluminista abraçou a ideia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade", as palavras "abraçou" e "esposada" são usadas em sentido
- literal.
  - irônico.
  - filosófico.
  - metafórico.
  - metalinguístico.
- 02.** (UEG-GO-2020) É ideia defendida no texto:
- Há, atualmente, principalmente por parte de Habermas, um otimismo em relação à possibilidade da realização do projeto iluminista, no que se refere aos fins desse projeto.
  - O pensamento iluminista busca superar a sacralização da realidade e coloca o homem como centro da reflexão, de modo que a razão humana passa a ser parâmetro do conhecimento.
  - Pensadores como Horkheimer, Adorno e Habermas reafirmaram sua confiança na possibilidade de que os ideais iluministas pudessem trazer liberdade e autonomia às sociedades do século XX.
  - Os acontecimentos e os pensadores do século XX comprovam a confiança que o pensamento iluminista tinha na razão humana, já que a humanidade avançou para um estágio melhor do que antes.
  - O pensamento iluminista perdeu seu vigor no século XX porque valorizou demais a razão humana e, conseqüentemente, o que é transitório e passageiro, relegando o que é essencial e permanente.

- 03.** (UEG-GO-2020) Considere o seguinte trecho do texto:  
 “O século XX – com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki – certamente deitou por terra esse otimismo”.
- O travessão duplo é usado no período com a função de
- introduzir um discurso direto.
  - demarcar uma sequência.
  - ligar um termo ao outro.
  - sinalizar uma metáfora.
  - intercalar um aposto.

- 04.** (UEG-GO-2020) Considere o seguinte enunciado:  
 “Há quem, como Habermas, continue a apoiar o projeto, se bem que com forte dose de ceticismo quanto às suas metas, com muita angústia quanto à relação entre meios e fins e com certo pessimismo no tocante à possibilidade de realizar tal projeto nas condições econômicas e políticas contemporâneas”.
- O constituinte sintático introduzido por “se bem que” estabelece com o trecho anterior uma relação de
- oposição.
  - proporção.
  - explicação.
  - comparação.
  - concessão.

- 05.** (UERJ-2017)
- Rio 40 graus  
 Cidade maravilha  
 Purgatório da beleza e do caos  
 Capital do sangue quente do Brasil  
 Capital do sangue quente  
 Do melhor e do pior do Brasil  
 Cidade sangue quente  
 Maravilha mutante
- O rio é uma cidade de cidades misturadas  
 O rio é uma cidade de cidades camufladas  
 Com governos misturados, camuflados, paralelos  
 Sorrateiros ocultando comandos  
 [...]
- ABREU, Fernanda; FAWCETT, Fausto; ABREU, Laufer. *SLA 2 be sample*. EMI, 1992.

“O rio é uma cidade de cidades misturadas  
 O rio é uma cidade de cidades camufladas”

Nos versos anteriores, a fragmentação da cidade é explorada por meio de dois recursos linguísticos. Identifique um desses recursos. Em seguida, relacione-o com essa fragmentação.

- Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões **06 e 07**.

Um sujeito entrou no bonde, deu-me um grande safanão, atirando-me o jornal ao colo, e não se desculpou. Esse incidente fez-me voltar de novo aos meus pensamentos amargos, ao ódio já sopitado<sup>1</sup>, ao sentimento de opressão da sociedade inteira... Até hoje não me esqueci desse episódio insignificante que veio reacender na minha alma o desejo feroz de reivindicação. Senti-me humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudo, servir de brinquedo, de irrisão<sup>2</sup> a esses poderosos todos por aí. Hoje que sou um tanto letrado sei que Stendhal<sup>3</sup> dissera que são esses momentos que fazem os Robespierres<sup>4</sup>. O nome não veio à memória, mas foi isso que eu desejei chegar ser um dia.

Escrevendo estas linhas, com que saudades me não recordo desse heroico anseio dos meus dezoito anos esmagados e pisados! Hoje! ... É noite. Descanso a pena. No interior da casa, minha mulher acalenta meu filho único. A sua cantiga chega-me aos ouvidos cheia de um grande acento de resignação. Levanto-me e vou à varanda. A lua, no crescente, banha-me com meiguice, a mim e a minha humilde casa roceira. Por momentos deixo-me ficar sem pensamentos, envolto na fria luz da lua, e embalado pela ingênua cantilena de minha mulher. Correm alguns instantes; ela cessa de cantar e o brilho do luar é empanado por uma nuvem passageira. Volto às minhas reminiscências: vejo o bonde, a gente que o enchia, os sofrimentos que me agitavam, a rua transitada...

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1917). São Paulo: Ática, 1995.

<sup>1</sup> *sopitado* – *acalmado*.

<sup>2</sup> *irrisão* – *zombaria*.

<sup>3</sup> *Stendhal* – *escritor francês da primeira metade do século XIX*.

<sup>4</sup> *Robespierres* – *referência a um dos líderes da Revolução Francesa*.

- 06.** (UERJ-2017) “Até hoje não me esqueci desse episódio insignificante que veio reacender na minha alma o desejo feroz de reivindicação.”
- Nessa frase, o personagem enfatiza sua revolta por meio de uma contradição. Explique entre que ideias contidas na frase se estabelece essa contradição.

- 07.** (UERJ-2017) Ao longo do texto, há passagens que indicam que o narrador se encontra em um tempo distanciado daquele dos acontecimentos que relembra, explicitando um confronto entre passado e presente. Transcreva do segundo parágrafo duas dessas passagens e justifique a pertinência de sua escolha em cada caso.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões **08** e **09**.

Um estudo sobre contestações do povo dirigidas ao governo na primeira década do século XX, registradas em uma coluna de jornal, revela a atitude do cidadão em momentos não críticos, em seu cotidiano de habitante da cidade do Rio de Janeiro. A conclusão do estudo é que quase só pessoas de algum modo relacionadas com a burocracia do Estado se queixavam, quer os próprios funcionários e operários, quer as vítimas dos funcionários, especialmente da polícia e dos fiscais. Reclamavam funcionários, artesãos, pequenos comerciantes, uma ou outra prostituta.

Mas as queixas não revelavam oposição ao Estado. O conteúdo das reclamações girava em torno de problemas elementares, como segurança individual, limpeza pública, transporte, arruamento. Permanece, no entanto, o fato de que entre as reivindicações não se colocava a de participação nas decisões, a de ser ouvido ou representado. O Estado aparece como algo a que se recorre, como algo necessário e útil, mas que permanece fora do controle, externo ao cidadão. Ele não é visto como produto de concerto político, pelo menos não de um concerto em que se incluía a população. É uma visão antes de súdito que de cidadão, de quem se coloca como objeto da ação do Estado e não de quem se julga no direito de a influenciar.

Como explicar esse comportamento político da população do Rio de Janeiro? De um lado, a indiferença pela participação, a ausência de visão do governo como responsabilidade coletiva, de visão da política como esfera pública de ação, como campo em que os cidadãos se podem reconhecer como coletividade, sem excluir a aceitação do papel do Estado e certa noção dos limites deste papel e de alguns direitos do cidadão. De outro, o contraste de um comportamento participativo em outras esferas de ação, como a religião, a assistência mútua e as grandes festas em que a população parecia reconhecer-se como comunidade.

Seria a cidade a responsável pelo fenômeno? Neste caso, como caracterizá-la, como distingui-la de outras? Entramos aqui na vasta e rica literatura sobre o fenômeno urbano, em particular sobre a cultura urbana.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. (Adaptação)

**08.** (UERJ–2017) “o contraste de um comportamento participativo em outras esferas de ação, como a religião, a assistência mútua e as grandes festas em que a população parecia reconhecer-se como comunidade”.

Nesse fragmento, o autor emprega duas vezes a palavra “como”, estabelecendo relações coesivas distintas em cada uma de suas ocorrências. Aponte o tipo de relação estabelecida, respectivamente, em cada emprego. Em seguida, reescreva o trecho sublinhado, substituindo “como” por uma palavra ou expressão de sentido equivalente.

**09.** (UERJ–2017) No último parágrafo, o autor emprega dois recursos que explicitam sua interlocução com os leitores. Identifique-os.

**10.** (UERJ–2020)

#### **Eu, Mwanito, o afinador de silêncios**

[...]

A primeira vez que vi uma mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas. Eu vivia num ermo habitado apenas por cinco homens. Meu pai dera um nome ao lugarejo. Simplesmente chamado assim: “Jesusalém”. Aquela era a terra onde Jesus haveria de se descruificar. E pronto, final.

Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. Depois do horizonte, figuravam apenas territórios sem vida que ele vagamente designava por “Lado-de-Lá”. Em poucas palavras, o inteiro planeta se resumia assim: despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já se haviam extinto.

Em contrapartida, em Jesusalém, não havia senão vivos. Desconhecedores do que fosse saudade ou esperança, mas gente vivente. Ali existíamos tão sós que nem doença sofríamos e eu acreditava que éramos imortais. [...]

Observe os termos sublinhados no trecho citado (1) e em sua reescritura (2).

(1) Aquela era a terra onde Jesus haveria de se descruificar.

(2) Esta é a terra onde Jesus há de se descruificar.

Apresente a diferença de sentido entre os dois enunciados, a partir da alteração do pronome e do tempo verbal. Justifique, também, a opção do narrador pela construção (1).

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões **11** e **12**.

#### **Meu pai, Silvestre Vitalício**

[...]

E foi assim que começaram as primeiras lições. Uns aprendem por cartilhas, em salas de aula.



Eu me iniciei soletrando receitas de guerra. A minha primeira escola era um paiol. As aulas ocorriam na penumbra do armazém, nos longos períodos em que Zacaria estava ausente, aos tiros pelo mato.

[...]

Na seguinte visita de Aproximado, Ntunzi roubou-lhe o lápis que ele usava para anotar as nossas encomendas. Cerimonioso, meu irmão rodopiou o lápis na ponta dos dedos e disse-me:

– Esconda bem. Esta é a sua arma.

– E escrevo onde? Escrevo no chão? – perguntei, sempre em sussurro.

Que ele já tinha pensado no assunto, respondeu Ntunzi. E retirou-se. Pouco depois, reapareceu trazendo um baralho de cartas.

– Este será o seu caderno escolar. Se o velho aparece, fazemos de conta que estamos a jogar.

– Escrever no baralho?

– Há outro papel por aqui?

– Mas com o baralho que nós jogamos?

– Exactamente por isso: o pai nunca irá desconfiar. Já fazemos batota no jogo. Agora, faremos batota na vida.

Foi dessa maneira que estreei o meu primeiro diário. Foi também assim que ases e valetes, damas e reis, duques e manilhas passaram a partilhar os meus segredos. Os rabiscos minúsculos encheram copas, paus, ouros e espadas. Nesses cinquenta e dois quadradinhos verti uma infância de queixumes, esperanças e confissões. No jogo com Ntunzi, sempre perdi. No jogo com a escrita, perdi-me sempre.

[...]

- 11.** (UERJ–2020) As primeiras lições de leitura e escrita de Mwanito ocorrem em situações que remetem a campos semânticos pouco usuais a esse tipo de aprendizagem, sendo um deles o do jogo. Identifique o outro campo semântico e justifique sua resposta com duas passagens do trecho.

- 12.** (UERJ–2020)

(1) – E escrevo onde?

(2) – Há outro papel por aqui?

As frases interrogativas podem ser empregadas com diversas intenções no discurso. Explique a intenção dos personagens Mwanito e Ntunzi ao enunciar cada uma das perguntas anteriores.

## SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem–2019)

### A ciência do Homem-Aranha

Muitos dos superpoderes do querido Homem-Aranha de fato se assemelham às habilidades biológicas das aranhas e são objeto de estudo para produção de novos materiais.

O “sentido-aranha” adquirido por Peter Parker funciona quase como um sexto sentido, uma espécie de habilidade premonitória e, por isso, soa como um mero elemento ficcional. No entanto, as aranhas realmente têm um sentido mais aguçado. Na verdade, elas têm um dos sistemas sensoriais mais impressionantes da natureza.

Os pelos sensoriais das aranhas, que estão espalhados por todo o corpo, funcionam como uma forma muito boa de perceber o mundo e captar informações do ambiente. Em muitas espécies, esse tato por meio dos pelos tem papel mais importante que a própria visão, uma vez que muitas aranhas conseguem prender e atacar suas presas na completa escuridão. E por que os pelos humanos não são tão eficientes como órgãos sensoriais como os das aranhas? Primeiro, porque um ser humano tem em média 60 fios de pelo em cada cm<sup>2</sup> do corpo, enquanto algumas espécies de aranha podem chegar a ter 40 mil pelos por cm<sup>2</sup>; segundo, porque cada pelo das aranhas possui até 3 nervos para fazer a comunicação entre a sensação percebida e o cérebro, enquanto nós, seres humanos, temos apenas 1 nervo por pelo.

Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br>>. Acesso em: 11 dez. 2018 (Adaptação).

Como estratégia de progressão do texto, o autor simula uma interlocução com o público leitor ao recorrer à

- A) revelação do “sentido-aranha” adquirido pelo super-herói como um sexto sentido.  
 B) caracterização do afeto do público pelo super-herói marcado pela palavra “querido”.  
 C) comparação entre os poderes do super-herói e as habilidades biológicas das aranhas.  
 D) pergunta retórica na introdução das causas da eficiência do sistema sensorial das aranhas.  
 E) comprovação das diferenças entre a constituição física do homem e da aranha por meio de dados numéricos.

- 02.** (Enem)

### Pérolas absolutas

Há, no seio de uma ostra, um movimento – ainda que imperceptível. Qualquer coisa imiscuiu-se pela fissura uma partícula qualquer, diminuta e invisível. Venceu as paredes lacradas, que se fecham como a boca que tem medo de deixar escapar um segredo. Venceu. E agora penetra o núcleo da ostra, contaminando-lhe a própria substância.

A ostra reage, imediatamente. E começa a secretar o nácar. É um mecanismo de defesa, uma tentativa de purificação contra a partícula invasora. Com uma paciência de fundo de mar, a ostra profanada continua seu trabalho incansável, secretando por anos a fio o nácar que aos poucos se vai solidificando. É dessa solidificação que nascem as pérolas.

As pérolas são, assim, o resultado de uma contaminação. A arte por vezes também. A arte é quase sempre a transformação da dor. [...] Escrever é preciso. É preciso continuar secretando o nácar, formar a pérola que talvez seja imperfeita, que talvez jamais seja encontrada e viva para sempre encerrada no fundo do mar. Talvez estas, as pérolas esquecidas, jamais achadas, as pérolas intocadas e por isso absolutas em si mesmas, guardem em si uma parcela faiscante da eternidade.

SEIXAS, H. Uma ilha chamada livro. Rio de Janeiro: Record, 2009. [Fragmento]

Considerando os aspectos estéticos e semânticos presentes no texto, a imagem da pérola configura uma percepção que

- A) reforça o valor do sofrimento e do esquecimento para o processo criativo.
- B) ilustra o conflito entre a procura do novo e a rejeição ao elemento exótico.
- C) concebe a criação literária como trabalho progressivo e de autoconhecimento.
- D) expressa a ideia de atividade poética como experiência anônima e involuntária.
- E) destaca o efeito introspectivo gerado pelo contato com o inusitado e com o desconhecido.

**03.** (Enem)

**Por que as formigas não morrem quando postas em forno de micro-ondas?**

As micro-ondas são ondas eletromagnéticas com frequência muito alta. Elas causam vibração nas moléculas de água, e é isso que aquece a comida. Se o prato estiver seco, sua temperatura não se altera. Da mesma maneira, se as formigas tiverem pouca água em seu corpo, podem sair incólumes. Já um ser humano não se sairia tão bem quanto esses insetos dentro de um forno de micro-ondas superdimensionado: a água que compõe 70% do seu corpo aqueceria. Micro-ondas de baixa intensidade, porém, estão por toda a parte, oriundas da telefonia celular, mas não há comprovação de que causem problemas para a população humana.

OKUNO, E. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

Os textos constroem-se com recursos linguísticos que materializam diferentes propósitos comunicativos. Ao responder à pergunta que dá título ao texto, o autor tem como objetivo principal

- A) defender o ponto de vista de que as ondas eletromagnéticas são inofensivas.
- B) divulgar resultados de recentes pesquisas científicas para a sociedade.
- C) apresentar informações acerca das ondas eletromagnéticas e de seu uso.
- D) alertar o leitor sobre os riscos de usar as micro-ondas em seu dia a dia.
- E) apontar diferenças fisiológicas entre formigas e seres humanos.

**04.** (Enem) Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.

ATALIA, M. Nossa vida. *Época*, 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

- A) a expressão "Além disso" marca uma sequenciação de ideias.
- B) o conectivo "mas também" inicia a oração que exprime ideia de contraste.
- C) o termo "como", em "como morte súbita e derrame", introduz uma generalização.
- D) o termo "Também" exprime uma justificativa.
- E) o termo "fatores" retoma coesivamente "níveis de colesterol e de glicose no sangue".

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



## GABARITO

## Aprendizagem

Meu aproveitamento 

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01.

**Incêndio do Flamengo dilacera dez sonhos** e o maior patrimônio da torcida

*Relação entre clube e a base é apaixonada, antiga e estava mais forte do que nunca. Tragédia acerta em cheio a maior representação dos rubro-negros dentro de campo*

[...]

12 § Entre 2017 e 2018, a forte equipe profissional do Flamengo foi alvo de críticas, protestos, questionamentos e vaias da torcida. A ausência de título expressivo vinha com queixas pouco concretas como “falta de raça, entrega ou vontade”.

13 § Houve momentos que o time perdeu a empatia com arquibancada. E foi justamente onde ficou ainda mais nítida a importância da figura desses garotos do Ninho. Afinal, para a torcida do Flamengo, eles serão sempre diferentes. Por mais que os números, os dados, as estatísticas mostre às vezes o oposto, o torcedor tem certeza que eles vão correr mais que todo mundo.

14 § Por experiência própria, essa é uma máxima que muitas vezes não tem a menor lógica. E também é certo que não se aplica só ao Flamengo, é encontrada em diversos clubes formadores de talento no Brasil e no mundo. É uma teoria muito mais apaixonada do que analítica. Mas existe.

15 § Está impregnada nas arquibancadas do Maracanã e de tantos outros estádios do Brasil. E aí de quem tentar provar o contrário.

16 § Lembro bem do primeiro jogo como profissional de Vinicius Junior. Aos 16 anos, a joia que seria posteriormente vendida ao Real Madrid foi chamada por Zé Ricardo na reta final do jogo. O barulho das arquibancadas foi semelhante ao de um gol sendo comemorado.

17 § É como se cada torcedor se enxergasse representado pelo garoto da base.

18 § E se viu representado no vídeo dilacerador dos garotos cantando o hino do clube entre as beliches do contêiner do Ninho.

19 § Nesta última sexta-feira, entre as mesmas beliches do contêiner, o torcedor rubro-negro perdeu dez dos seus garotos. Dez dos seus meninos. Dez dos craques que o Flamengo faz em casa. Dez meninos que sabiam o que era Flamengo.

20 § E quantas mais máximas couberem nessa relação apaixonada entre torcedor e a base.

21 § Os fatos que culminaram nesta sexta-feira trágica precisam ser apurados. As causas, entendidas. As responsabilidades, aceitas e assumidas.

22 § A tragédia do Ninho do Urubu é devastadora. A dor não tem camisa, não veste cores. Ela é somente sentida. Mas hoje ela veste rubro-negro. Não por acaso, os maiores adversários entenderam isso e prestaram homenagens sem traço de rivalidade. Vitória da humanidade em tempos tão sombrios.

23 § Dizem que a torcida do Flamengo é o maior patrimônio do clube. Sendo assim, a tragédia do Ninho acertou em cheio o maior patrimônio da torcida.

24 § Deixa uma dor eterna em dez famílias. E uma ferida aberta em milhões de torcedores.

02.

- A) Da charge, depreende-se o tema visto nos dois textos anteriores (o verbal e o não verbal), com a intenção de demonstrar solidariedade às vítimas do incêndio no Flamengo.
  - B) Para prestar essa homenagem, as nuvens do céu formam um campo de futebol.
03. A capa da revista *Carta Capital* apresenta linguagem verbal e não verbal coerentes, porque a manchete é ilustrada pela imagem, que mostra uma antítese: uma quantidade gigantesca de lama sendo vasculhada por pessoas de tamanho minúsculo.
04. Enunciador: Netflix. Enunciatário: pessoas com gosto por filmes e séries, com nível socioeconômico que lhe permita pagar uma assinatura, que conheça o bilhete de Gabriel e tenha espírito de humor. Suporte: Instagram. Intencionalidade: persuadir seus assinantes a fazerem uma maratona de séries e se divertirem com a referência ao meme. Estratégias: construir um meme à maneira do original, fazendo intertextualidade.
05. E
06. D
07. O pronome “que” se refere ao termo “cigarro”. Trata-se de um pronome relativo que representa um nome já mencionado anteriormente e com o qual se relaciona. Introduce uma oração subordinada adjetiva.

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. D
02. B
03. E
04. E
05. Nos versos citados, a fragmentação da cidade é explorada por meio de dois recursos linguísticos, sendo eles: diferença de números (singular e plural) ao caracterizar o Rio como uma cidade de outras cidades, ou seja, como um lugar que abarca várias culturas e uma pluralidade de pessoas diferentes; alteração do adjetivo no segundo verso, trocando "cidades misturadas" por "cidades camufladas", o que antecipa uma ideia negativa relacionada à cidade, pois faz referência a algo escondido, disfarçado, escamoteado. Isso é complementado nos versos seguintes, quando o eu lírico faz menção a "governos sorrateiros ocultando comandos".
06. No trecho em análise, a contradição no discurso de narrador fica por conta da ideia, exposta por ele, de que o acontecimento daquele dia no bonde foi insignificante – logo, não deveria lhe causar nenhuma reação ou merecer maior atenção. Contudo, contradizendo essa aparente insignificância, o narrador se mostra extremamente incomodado com o evento, tanto que diz que isso "veio reacender na minha alma o desejo feroz de reivindicação".
07. No conto, o narrador relembra fatos do seu passado, distantes do tempo presente, como se pode observar nos trechos: "com que saudades me não recorro desse heroico anseio". Nessa passagem, o verbo "recordar" demarca a distância entre a lembrança e o presente narrativo, indicando se tratar de uma memória passada; "Volto às minhas reminiscências". Mais uma vez, o uso do verbo "voltar" deixa claro a retomada na memória dos acontecimentos já ocorridos.
08. Na primeira parte do fragmento, o autor emprega o termo "como" de forma a introduzir a enumeração: como a religião, a assistência mútua e as grandes festas. Nesse caso, o termo assume a função de palavra explicativa, com o mesmo sentido de "a saber". No segundo caso, o "como" é empregado para definir particularmente a população que tem um "comportamento participativo", funcionando como preposição. Esse trecho pode ser reescrito da seguinte forma: "o contraste de um comportamento participativo em outras esferas de ação, como a religião, a assistência mútua e as grandes festas em que a população parecia reconhecer-se no caráter de comunidade (na qualidade de)".
09. Os dois recursos empregados pelo autor para explicitar sua interlocução com os leitores são: perguntas retóricas, que dirigem o questionamento ao autor, propondo a ele uma reflexão sobre o assunto; uso da primeira pessoa do plural, que coloca não apenas o leitor, mas também o autor no texto, funcionando como um diálogo entre as partes.
10. No primeiro enunciado, o pronome "aquela" indica distância no tempo e no espaço, do narrador, e o emprego do futuro do pretérito em "haveria" indica que o ato de descruificar-se é considerado uma possibilidade. No segundo enunciado, o pronome "esta" indica proximidade no tempo e no espaço e o verbo "haver" no presente indica que o ato de descruificar-se é uma certeza. A opção pela construção (1) decorre do fato de o narrador se encontrar distante no tempo e no espaço dos fatos narrados e questionar a descruificação / pôr em questão a crucificação.
11. O outro campo semântico em que ocorrem as lições de Mwanito é o bélico, relativo à guerra. Isso fica claro nos trechos: "Eu me iniciei soletando receitas de guerra. A minha primeira escola era um paiol"; "– Esconda bem. Esta é a sua arma".
12. No primeiro caso, Mwanito emprega a pergunta para pedir ao irmão uma informação. No segundo, Ntunzi emprega a frase interrogativa para enfatizar sua afirmação e reafirmar sua resposta.

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. D
02. C
03. C
04. A



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %